

MULHERES EM VULNERABILIDADE: EXPOSIÇÃO ÀS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Data de submissão: 23/05/2023

Data de aceite: 02/06/2023

Kassiara Ferreira Felix de Lima

Universidade Federal de Alagoas
Maceió-Alagoas
<https://orcid.org/0000-0002-9714-3985>

Amuzza Aylla Pereira dos Santos

Universidade Federal de Alagoas
Maceió-Alagoas
<https://orcid.org/0000-0001-6299-7190>

Marianny Medeiros de Moraes

Universidade Federal de Alagoas
Maceió-Alagoas
<https://orcid.org/0000-0001-8208-4268>

Núbia Vanessa da Silva Tavares

Universidade Federal de Alagoas
Maceió-Alagoas
<https://orcid.org/0000-0002-2205-2392>

Kariane Omena Ramos Cavalcante

Universidade Federal de Alagoas
Maceió-Alagoas
<http://orcid.org/0000-0002-9135-4378>

João Paulo Malta da Silva

Centro Universitário Maurício de Nassau
Maceió-Alagoas
<http://orcid.org/0009.0001.2383.1785>

RESUMO: Objetivo: verificar as vulnerabilidades em mulheres que as tornam mais expostas às Infecções Sexualmente Transmissíveis, descritas na literatura nos últimos cinco anos. Metodologia: Trata-se de uma revisão integrativa, entendida como a análise sistemática e síntese da investigação sobre um tema específico de escopo amplo ou restrito com análise descritiva. Resultados: As mulheres apresentam maior vulnerabilidade para adquirir IST, fato que está intimamente associado às características biológicas, anatômicas, nível de escolaridade, problemas no acesso e compreensão das informações, submissão imposta no relacionamento e promiscuidade do companheiro. Conclusão: Diante do exposto, é evidente que o aumento da incidência de mulheres portadoras de IST no Brasil é crescente devido às vulnerabilidades em mulheres. Dentre as condições de vulnerabilidade, alguns grupos tornam-se ainda mais expostos às IST, como as mulheres negras, mulheres em situação profissional e as que fazem parte do grupo LGBTQIA+.

PALAVRAS-CHAVE: mulheres; vulnerabilidade; Infecções Sexualmente Transmissíveis.

VULNERABILITY WOMEN: EXPOSURE TO SEXUALLY TRANSMITTED INFECTIONS

ABSTRACT: Objective: to verify the vulnerabilities in women who become more exposed to Sexually Transmissible Infections, described in the literature in the last five years. Methodology: This is an integrative review, understood as a systematic analysis and summary of the research on a specific topic with a broad or restricted scope with descriptive analysis. Results: Women are more vulnerable to acquire STI, a fact that is closely associated with biological and anatomical characteristics, educational level, problems in access and understanding of information, submission imposta relationship and promiscuity of the partner. Conclusion: From the above, it is evident that the increase in the incidence of women carriers of IST in Brazil is increasing due to the vulnerabilities in women. Among the conditions of vulnerability, some groups become more exposed to IST, such as black women, women in a professional situation and those who are part of the LGBTQIA+ group.

KEYWORDS: women; vulnerability; Sexually Transmitted Infections.

1 | INTRODUÇÃO

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), são infecções causadas por vírus, bactérias e outros microrganismos, possuem alto poder de transmissibilidade em situações de sexo desprotegido com pessoas infectada pelo agente causador da infecção. A infecção pode ocorrer por contato oral, vaginal, sanguínea e vertical. As infecções mais prevalentes contribuem para o desenvolvimento de complicações de saúde de mulheres e facilitam seu contágio pelo vírus HIV (NASCIMENTO, 2019).

Sua transmissibilidade entre outras formas se dá através do uso irregular do preservativo durante o sexo, seu diagnóstico precisa ser realizado em tempo oportuno, a fim de evitar o agravamento doença e sua transmissão se estenda a parceria sexual. Para evitar o contágio de IST é importante fazer a prevenção combinada, que é uso do preservativo, testagem rápida para HIV, hepatite B e C e sífilis, profilaxia pós-exposição (PeP) ao HIV e imunização para o vírus do HPV (BRASIL, 2023).

Comparado ao sexo masculino as mulheres possuem mais fatores de risco para o contágio por IST devido a vulnerabilidade individual a qual ela apresenta, entre esses fatores estão multiplicidade de parcerias sexuais, sexo desprotegido que resulta com laceração ou sangue, sexo no período menstrual, compartilhamento de brinquedos insertivos sem preservativo, tabagismo, uso de álcool e outras drogas e histórico de violência sexual (FONTES, 2021).

As IST são consideradas um problema de saúde pública visto que é uma doença prevalente e que atinge os mais diversos povos. No ano de 1986, com o objetivo de criar estratégias para controle das IST foi criado o Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis e AIDS (PN- DST/AIDS) (MIRANDA, 2021).

As IST de etiologia viral mais prevalentes são as causadas pelo Papiloma Vírus Humano (HPV) e pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV). As IST causam prejuízos

severos as mulheres que a possuem, refletindo na gravidez, vida sexual e reprodutiva das mesmas, sendo mais comum nas mulheres de raça negra (DIAS, 2021).

Diante do exposto, o estudo tem como objetivo analisar as vulnerabilidades em mulheres que as tornam mais expostas às Infecções Sexualmente Transmissíveis, descritas em uma série temporal de dez anos.

2 | METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa, entendida como a análise sistemática e síntese da investigação sobre um tema específico de escopo amplo ou restrito com análise descritiva. Esse método determina o conhecimento atual sobre uma temática específica, já que é conduzida de modo a identificar, analisar e sintetizar resultados de estudos independentes sobre o mesmo assunto (SOUZA, 2010).

Para a elaboração do presente estudo, observou-se as seguintes etapas: identificação A Enfermagem Centrada na Investigação Científica do tema ou questionamento da revisão integrativa, amostragem ou busca na literatura, categorização dos estudos, interpretação dos resultados e apresentação da revisão integrativa (WHITTEMORE, 2005).

O Estudo foi realizado a partir da busca em duas bases de dados para a seleção das publicações, a saber: Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE). Foram escolhidos artigos publicados em português entre os anos de 2018 a 2023. Após as buscas foram selecionados 20 artigos, porém destes apenas 17 artigos versam sobre a temática do estudo. Os artigos encontrados abordavam as dimensões das vulnerabilidades em mulheres no qual a abordagem estava relacionada à exposição às IST.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

A vulnerabilidade não é particularidade de pessoas ou grupos sociais, mas sim das condições específicas que afetam a sociedade, e aos inúmeros fatores que colocam o indivíduo em situação de risco, estar vulnerável a tal agravo não quer dizer que de fato o indivíduo sofrerá algum dano, mas sim que ele se encontra mais suscetível a desenvolver a patologia, por estar em um grau superior da condição de vulnerabilidades. As vulnerabilidades são classificadas em individual, social e programática. Conhecer a vulnerabilidade a qual a sociedade está exposta é necessário para que haja a minimização e até mesmo para o reverter de suas complicações ao indivíduo (MACEDO, 2020).

Deste modo, quando se refere a relação de agravos e as vulnerabilidades em mulheres, destaca-se as IST, que possuem alta incidência no acometimento a essa população. Essas infecções são causadas por diversos patógenos e cada uma possui suas especificidades clínicas. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), estima

que mais de um milhão de pessoas adquirem IST diariamente, destas 500 milhões são curáveis, outros 290 milhões de mulheres com Papiloma Vírus Humano (HPV) e cerca de 530 milhões contaminados com o vírus do herpes genital (BRASIL, 2017).

No que se refere aos impactos das IST na saúde da mulher, é evidenciado que as IST elas podem ser assintomáticas ou podem evoluir para quadros mais graves, como dor pélvica crônica, aborto, prematuridade, disfunções sexuais, infertilidade, além dos estágios de cânceres (SILVA, 2018).

Existem fatores que interferem no controle dessas IST, como as questões de gênero, comportamento da população e cultura. Especificamente, as mulheres apresentam maior vulnerabilidade para se infectar, fato que está intimamente associado às características biológicas, anatômicas, nível de escolaridade, problemas no acesso e compreensão das informações, submissão imposta no relacionamento e promiscuidade do companheiro. Somado a isso, essas mulheres ainda sofrem com um diagnóstico tardio, onde a descoberta da infecção em estágio avançado pode significar um prognóstico pouco positivo para manutenção de sua qualidade de vida, uma vez que, nuances emocionais tendem a emergir e conduzir para quadros desfavoráveis de aceitação, tratamento e cura (BARROSO, 2020).

As condições biológicas femininas interferem diretamente na exposição às IST, como a extensa exposição da mucosa vaginal ao sêmen, somada às questões sociais e de gênero que lhes impõem condições de submissão e inferioridade em relação aos homens, privando-as, inclusive, do poder de decisão acerca da atividade sexual com proteção. Apesar dos esforços empreendidos no controle das IST, as mulheres, perante as questões de gênero, ainda esbarram na luta de prevenção e tratamento dessas infecções, o que favorece a maior vulnerabilidade delas para aquisição de IST (WORLD, 2018; LEOCÁDIO, 2020).

Além disso, as relações de desigualdade entre os sexos, permeadas pelas construções culturais estereotipadas de dominação, inferioridade e descaso com as mulheres, favorecem e naturalizam as desigualdades de poder nas relações, que vão desde o sexo praticado sem proteção à violência de gênero exercida pelos parceiros, negando à mulher o direito do livre exercício da sua sexualidade. Quando o sujeito vivencia uma relação abusiva e dificuldades sociais relacionadas às questões de gênero, estamos diante de uma variação harmônica da potencialização da vulnerabilidade em saúde (SOUZA, 2020).

Mulheres em situação de vulnerabilidade são mais suscetíveis aos diagnósticos de IST, tal fato ocorre em virtude da precarização de ações promotoras de autocuidado e ao contexto social onde elas estão inseridas. Estudos apontam que mulheres em situação de vulnerabilidade não são executoras do autocuidado por não se sentirem bem consigo mesmas ou por não saberem como fazê-lo. Diante a essa exposição é nítida a necessidade de profissionais da saúde como mediadores na construção da autoestima e promoção do autoconhecimento (SILVA, 2021).

Comparado a mulheres de outras raças, a mulheres da raça negra são as mais suscetíveis a adquirirem HIV/aids e outras IST, pois se encontram em situação de vulnerabilidade maior nos aspectos relacionados à saúde. Aspectos relacionados às condições socioeconômicas, como baixo escolaridade, baixa escolaridade, racismo institucional e o difícil acesso à chegada a unidade básica de saúde mais próxima a sua residência são fatores que contribuem para o aumento desses dados nessa população (DIAS, 2021).

Pessoas do sexo feminino que se identificam como lésbicas, bissexuais e sobretudo as que se consideram como queer encontram-se em situação de vulnerabilidades para IST pois sofrem violência sexual seja por parceira/o íntimo, seja por estranhos, essas sofridas por estranho com o objetivo de ser uma correção para a orientação sexual a qual se consideram (DAL SANTO, 2020).

O aumento significativo de sífilis, principalmente em mulheres, se dá ao fato da exposição desse público aos fatores de riscos como uso esporádico de preservativos durante as práticas sexuais, com múltiplos parceiros do sexo masculino e ao compartilhamento de seringas e agulhas no uso de drogas injetáveis. (BATISTA, 2020; ANDRADE, 2019). As informações acerca do contágio do vírus HIV/AIDS e as consequências do sexo desprotegido não surtem o efeito esperado quando se refere a prevenção dessa IST, pesquisas apontam que as as mulheres se sentem seguras quando se encontram em relacionamentos estáveis e duradouros e não enxergam os perigos que estão presentes na relação sexual sem preservativo, com seus parceiros, fazendo renúncias pessoais e sendo submissas a esses que sentem-se desconfortáveis em usar a camisinha durante o ato, relação que coloca o homem como o ser que domina e a mulher como dominada e vulneráveis à doença (OLIVEIRA, 2020).

A multiplicidade de parceria sexual e uma vida sexual mais ativa e desregrada é frequente e socialmente aceita quando essas práticas estão associadas ao público masculino do que o feminino, inclusive sendo aceitável pelas próprias parceiras, e quando elas discordam da situação, não encontram soluções para sair dela, tal fato fortemente associado à dependência financeira de seus companheiros (OLIVEIRA, 2020).

Associados aos esses comportamentos do público não reconhecerem verdadeiramente o risco que correm em práticas sexuais inseguras, a submissão a essas e sobretudo a não autonomia do cuidado em si, existem as características pessoais e os contextos socioculturais, econômicos e clínicos ao quais as mulheres estão inseridas gerando ao grupo vulnerabilidades nas três dimensões: individual, social e programática (CHAVES, 2019).

As IST são também identificadas como vulnerabilidade programática pois as unidade de saúde enfrentam problemas relacionados a infraestrutura local que impossibilita assistência adequada ao indivíduo, escassez de insumos preventivos, profissionais de saúde não habilitado como qualidade para realizar aconselhamentos para o agravo

em questão, submetendo então as pessoas que recebem assistência nelas à violência simbólica, também relacionada a diversos fatores como sobrecarga e carência profissional para a assistência (FRANÇA, 2021).

Com o aumento de IST no Brasil são crescentes, e para redução dessas estatísticas é necessário promover estratégias que promovam a redução do contágio e incidência desse tipo de patologia (BATISTA, 2020).

A capacitação de profissionais da saúde para a infecção de sífilis é crucial para a diminuição dos índices e prevalência da doença, é necessário do profissional que realiza atendimento às mulheres um olhar holístico, com atividades voltadas à promoção de saúde, de forma a informar a este público a gravidade desse agravo à saúde, com o objetivo de realizar o diagnóstico precoce para evitar as complicações e a transmissão vertical da doença (Andrade, 2019).

A intervenção educativa por parte dos profissionais da saúde é imprescindível nos cenários onde se apresentam mulheres vulneráveis às IST e conhecimentos deficientes sobre higiene íntima. A educação em saúde é capaz de levar a esse público a compreensão sobre o cuidado com o próprio corpo, promoção do desenvolvimento da autonomia e do empoderamento feminino, fatores esses que são capazes de combater a transmissibilidade de IST (SILVA, 2021).

A predominância de IST mulheres negras traz a necessidade de medidas de prevenção e de controle desse agravo ao público em questão. Medidas essas como capacitação dos profissionais de saúde no aconselhamento e testagem para IST, educação em saúde e distribuição de preservativos femininos e masculinos mostram-se eficazes para a redução dessas taxas (DIAS, 2021).

4 | CONCLUSÃO

Diante do exposto, é evidente que o aumento da incidência de mulheres portadoras de IST no Brasil é crescente devido às vulnerabilidades em mulheres. Dentre as condições de vulnerabilidade, alguns grupos tornam-se ainda mais expostos às IST, como as mulheres negras, mulheres em situação profissional e as que fazem parte do grupo LGBTQIA+. Essas subpopulações possuem condições socioeconômicas que potencializam suas vulnerabilidades e dificultam o acesso aos serviços de saúde.

Além disso, o estudo demonstrou que a submissão feminina é um fator predisponente para exposição ao sexo inseguro, principalmente pela relação de confiança em que a mulher exerce sobre sua parceria sexual. Condição essa que favorece a não utilização de preservativos, de forma que as tornam ainda mais suscetíveis a adquirir IST.

Com isso, é necessário investimento em políticas públicas para promover estratégias que promovam a redução do contágio e incidência desse tipo de patologia. Faz-se necessário que o profissional que realiza atendimento às mulheres promova assistência

à saúde de forma holística e atendendo às especificidades de cada grupo feminino. Além disso, é necessário promover a educação em saúde, pois ela é capaz de levar a esse público a compreensão sobre o cuidado com o próprio corpo, promoção do desenvolvimento da autonomia e do empoderamento feminino, fatores esses que são capazes de combater a transmissibilidade de IST.

REFERÊNCIAS

ANDRADE HS, et al. **Caracterização epidemiológica dos casos de sífilis em mulheres**. Ciência & Saúde, v. 12, n. 1, p. e32124-e32124, 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. **Cuidado integral às pessoas que vivem com HIV pela Atenção Básica : manual para a equipe multiprofissional**. Brasília : Ministério da Saúde, 2017.

BRASIL. **Infecção sexualmente transmissível**. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/i/ist#:~:text=Sobre%20IST,uma%20pessoa%20que%20esteja%20infectada>

BARROSO MT, et al. **Produção Científica Nacional sobre Mulher e HIV**. 2020. Tese de Doutorado.

BATISTA MIHM, et al. **Alta prevalência de sífilis em unidade prisional feminina do Nordeste brasileiro**. Einstein, v. 18. São Paulo: 2020. https://doi.org/10.31744/einstein_journal/2020AO4978

CHAVES ACP, et al. **Vulnerabilidade à infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana entre mulheres em idade fértil**. Rev Rene, v. 20, p. 1-8, 2019.

DAL SANTO A, ZAMBENEDETTI G. **Prevenção às ISTs/HIV entre mulheres lésbicas e bissexuais: uma revisão bibliográfica**. Psi UNISC, v. 5, n. 1, p. 111-26, 2021. DOI: 10.17058/psiunisc.v5i1.14846

DIAS JA, et al. **Infecções sexualmente transmissíveis em mulheres afrodescendentes de comunidades quilombolas no Brasil: prevalência e fatores associados**. Cadernos de Saúde Pública, v. 37, p. e00174919, 2021.

FRANÇA ISX, et al. **Vulnerabilidade programática às ist/aids na atenção primária à saúde: um habitus permeado pela violência simbólica**. Cogitare Enfermagem, v. 26, 2021.

FONTES GQ, ET AL. **Comportamento sexual e infecções sexualmente transmissíveis em mulheres que fazem sexo com mulheres no Brasil**. Brazilian Journal of Health Review. DOI:10.34119/bjhrv4n1-219.

LEOCÁDIO AF, ASSIS DA, GUIMARÃES TMM. **Sexually transmitted infections: vulnerability of women deprived of freedom**. Research, Society and Development. 2020.

MACEDO JKSS, et al. **Vulnerabilidade e suas dimensões: reflexões sobre os cuidados de enfermagem aos grupos humanos**. Rev. enferm. UERJ, p. e39222-e39222, 2020.

MIRANDA AE, et AL. **Políticas públicas em infecções sexualmente transmissíveis no Brasil**. Epidemiol. Serv. Saúde 30 (spe1). 2021. <https://doi.org/10.1590/S1679-4974202100019.esp1>.

NASCIMENTO, JR, BARBOSA, KMG, VIEIRA, MCA. **Abordando infecções sexualmente transmissíveis com mulheres reclusas: um relato de experiência.** Revista de extensão da UNIVASF, Petrolina, V.7, n.2, p. 104-114, 2019.

OLIVEIRA MMD, JUNQUEIRA TLV. **Mulheres que vivem com HIV/aids: vivências e sentidos produzidos no cotidiano.** Revista Estudos Feministas, v. 28, 2020.

SILVA JB, PINHEIRO HVS, Silva JLS, Silva MR, Gurgel MJP, Portela G, Lima RAF. **Educação em saúde sobre autocuidado íntimo e ISTs para mulheres em situação de vulnerabilidade.** Revista de enfermagem digital cuidado e promoção da saúde. 2021:1-6. DOI:[https://doi.org/ 10.5935/2446-5682.20210006](https://doi.org/10.5935/2446-5682.20210006)

SILVA BN, et al. **Análise bibliográfica das características patogênicas da epidermodisplasia verruciforme em quadros assintomáticos.** Mostra Científica em Biomedicina, v. 3, n. 1, 2018.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. **Revisão integrativa: o que é e como fazer.** Einstein (São Paulo), v. 8, p. 102-106, 2010.

SOUZA SO, et al. **Iniquidades de gênero e vulnerabilidade às IST/HIV/AIDS em adolescentes de assentamento urbano: um estudo exploratório.** Ciencia y enfermería, v. 26, 2020.

TEIXEIRA JV. OLIVEIRA MM, STRADA CFO. **A vulnerabilidade feminina às infecções sexualmente transmissíveis sífilis e hiv/aids no brasil: uma revisão integrativa da literatura.** RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218, v. 3, n. 9, p. e391890-e391890, 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION et al. **Report on global sexually transmitted infection surveillance 2018.** World Health Organization, 2018. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/277258/9789241565691-eng.pdf>.